

Renan Albuquerque - Weberson Grizoste
organizadores



Estudos
Clássicos e
Humanísticos
& Amazonidades

ALEXA
CULTURAL

EDUA
EDITORA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO AMAZONAS

Vol. 2

© by Alexa Cultural

Direção

Yuri Amaro Langermans

Nathasha Amaro Langermans

Editor

Karel Langermans

Capa

K Langer

Revisão Técnica

Michel Justamend e Renan Albuquerque

Editoração Eletrônica

Alexa Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A319t ALBUQUERQUE, R.
G431w GRIZOSTE, W.

Estudos clássicos e humanísticos & amazonidades - vol. 2 , Renan
Albuquerque e Weberson Grizoste, Alexa Cultural: São Paulo, 2018

14x21cm - 218 páginas

ISBN - 978-85-5467-016-0

1. Antropologia - 2. Letras - 3. Estudos clássicos e humanísticos - 4,
Amazonas - I. Índice - II Bibliografia

CDD - 300

Índices para catálogo sistemático:

Letras

Estudos Clássicos e Humanísticos

Amazonas

Antropologia

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da editora e dos organizadores.

ALEXA

Alexa Cultural Ltda

Rua Henrique Franchini, 256
Embú das Artes/SP - CEP: 06844-140
alexax@alexacultural.com.br
alexacultural@terra.com.br
www.alexacultural.com.br
www.alexaloja.com



Editora da Universidade Federal do Amazonas

Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, n.
6200 - Coroado I, Manaus/AM
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio
Filho, Centro de Convivência – Setor Norte
Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290
E-mail: ufam.editora@gmail.com

O PHARMAKÓS: A QUESTÃO DO SACRIFÍCIO VOLUNTÁRIO NA *MEDÉIA* DE EURÍPEDES E DE SÊNECA

Ruth Serrão da Silva¹

Weberson Fernandes Grizoste²

A questão do sacrifício de humanos como um pré-requisito feito por uma divindade para obtenção de benefícios perpetuou o imaginário humano desde os seus primórdios, pelo qual a morte sacrificial de Cristo em resgate de uma humanidade pecaminosa é, por excelência, o exemplo que mais conhecemos na atualidade. Entretanto, a questão do sacrifício de humanos, voluntário ou involuntário; a questão do sofrimento dos inocentes reabre os pontos de uma ligação do nosso pensamento moderno com o ritual da Targélia grega, cujo aspecto encontra semelhanças noutras sociedades antigas, pelo que já evidenciamos a judaica. Permeando as dolorosas vias desse sentimento judaico-greco-romano reascenderemos o papel do sacrifício de humanos na tragédia greco-romana, nomeadamente a questão do *Pharmakós* particularmente nas tragédias homônimas – *Medéia(s)* de Eurípides e Sêneca.

Sob a luz da filosofia, já os primeiros pensadores do Cristianismo tentavam compreender a questão do sofrimento dos justos e dos inocentes, bem como a origem do Mal na terra. Dada as fontes esvaziadas e fornecidas pela filosofia, não houve nenhuma destas explicações que preenchessem em absoluto as lacunas do pensamento cristão, quando muito só forneceram novas formas as resiliências do *Cogito*. Dentre estas vagas explicações evidenciamos Leibniz (*Apud* Lacroix, 1998, 71), segundo o qual o equilíbrio entre o bem e o mal pode ser comparado a uma obra de arte ou musical, por que é a dissonância que torna-a harmoniosa, e no caso da pintura é uma mistura de sombras e luzes. Um outro filósofo, Lacroix (1998, 71), reabre a questão da finalidade em proveito da *culpabi-*

1 Licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (2015), foi pesquisadora voluntária de Programa de Apoio a Iniciação Científica (2014-2015); Possui especialização em Língua Portuguesa e Literatura pela Facibra (2017).

2 Professor Adjunto de latim e Estudos Clássicos do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. Membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da UC desde 2008. Possui Licenciatura Plena em Letras na Universidade do Estado do Mato Grosso (2006); é Mestre (2009) e Doutor (2014) em Poética e Hermenêutica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

lidade (itálico do autor). Para Lacroix, a humanidade liberta da especulação teológica, sublinha a responsabilidade dos atores, designa culpados. Assim, o homem atual inclina-se para o passado com a firme resolução de responder acerca dos erros cometidos pelos mais antigos. Todo erro que o homem cometia era proveniente do pecado, *a possibilidade do pecado decorria da liberdade concedida ao homem* (Lacroix, 1998, 26). Portocarrero (2005, 17) nos fala que o mal foi quase sempre considerado segundo o prisma da culpa, isto é, enquanto mal moral é associado á condição corpórea e finita do existir.

Por conseguinte em Lacroix a finalidade arrancada da culpabilidade é o erro ou pecado cometido pelos nossos antepassados. Logo, a forma de pagar por este erro histórico, ou seja, de expiar essa culpa genética, seria em forma de sacrifício ao deus. Do sacrifício de um sujeito que efetivamente não cometeu o delito, mas herdou-o geneticamente. Paul Ricoeur (*Apud* Grizoste, 2013, 71) reconhece no exemplo de Cristo um modelo muito antigo daquilo que o pecado causa na vida das pessoas, e a explicação desse mal parte da culpabilidade imputada por um conceito biológico.

Vejam os em que consiste a morte sacrificial de Cristo. Ao destruir o mundo sob o efeito catastrófico de um dilúvio, Jeová salvou a única família inocente. Ao destruir Sodoma e Gomorra sob fogo e enxofre, o mesmo deus salvou os membros inocentes de uma família. Contudo, após a destruição do mundo esse deus prometera não destruir a humanidade caso ela voltasse a degenerar-se. Quando Nínive caiu em declínio foi-lhe enviado um profeta para resgatá-la. Todas as vezes que Israel falhava, Jeová enviava-lhe um novo profeta com exigências sacrificiais para evitarem a sua destruição. Porém, houve um tempo em que toda a humanidade havia se degenerado e Jeová exigiu, para resgatá-los, o sacrifício de um homem inocente. Esta vítima não foi encontrado entre os homens. Todos os homens haviam nascido em pecado. Todos eram geneticamente culpados. Havia que nascer um inocente para que a humanidade não fosse destruída. Cristo, por isso, nasce no corpo de uma virgem sob a intervenção divina e sem a herança sanguínea e pecaminosa daquela humanidade. Ele se fez homem. Homem inocente. Eis o por quê ainda nos dias atuais os homens precisam, para se manterem limpos, beber daquele que é o único sangue incorrupto. Sangue, não de homens, mas de um deus. Sangue de um deus que se fez homem.

Qual é, portanto, a origem do sacrifício na comunidade judaica? Frye e Bremmen³ encontram uma relação entre o *Pharmakós* da Grécia e o *Scapegoat* em

3 Frye, 1957, 41; Bremmen, 1983, 300 *Obj. Cit.* Grizoste, 2013, 72.

Israel. O *Scapegoat*, isto é, o Bode expiatório, exerceu uma influência muito grande na cultura hebraica, pelo ritual de expiação da culpa do povo que era efetuado por um sacerdote, cujo culto transcrevemos abaixo:

E Arão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitário; e o homem enviará o bode ao deserto (Levítico 16: 21, 22).

O *Scapegoat* não poderia ser um bode qualquer. Teria que ser um animal sem mancha e sem quaisquer defeitos senão o sacrifício seria rejeitado por Jeová. Nesse ritual de purificação eram oferecidos dois bodes e um carneiro. O carneiro oferecido pelo sacerdote em prol de sua família e para obter o próprio perdão. Em seguida lançava-se sorte entre os bodes, um para ser oferecido à Jeová e outro à Azazel. A partir desse ritual que o sacrifício humano terminantemente proibido por Jeová foi por ele requerido anos mais tarde. Foi esse equilíbrio entre Azazel e Jeová, o mal e o bem, que suscitou debates acalorados sobre as relações do sofrimento de inocentes e a onipotência daquele que detém as forças do bem. De fato, ao que parece, a saúde cósmica no universo judaico-cristão possui semelhanças muito bem fundamentadas e entrelaçadas com a legalidade cósmica no universo greco-romano pré-cristão.

A LEGALIDADE CÓSMICA DA SOCIEDADE GRECO-ROMANA

A legalidade cósmica do mundo greco-latino era regida pela Ordem, Justiça e Destino. Essa coordenação surgia no *Concílio* dos deuses, pelo que em virtude da singularidade da legalidade cósmica judaico-cristã Grizoste opta por denominar este *Concílio* por *Instituição Divina*. Quando os deuses, ou os seres divinos capazes de intervirem na vida humana reúnem-se, esta reunião é o que dá origem a Instituição Divina. Assim temos o destino de Job, de Eneias, dos Troianos e Aqueus, entre outros tantos heróis e povos.

Os heróis não podem mudar o destino traçado pelos deuses, mas eles podem perturbar a Ordem. Ao perturbar a Ordem o herói pratica a *Hybris*. Por isso de acordo com Octávio Paz (1982, 244-245 *et apud* Grizoste, 2013, 74), a *Hybris* é o pecado por excelência contra a saúde cósmica e política. Ao praticar a *Hybris*,

o herói coloca em risco toda Saúde Cósmica. Contudo, se o herói perturba a Ordem, ele não pode perturbar o Destino e muito menos fugir da Justiça. Só a Justiça pode reestabelecer a Ordem, só ela conduz o Destino de acordo com a *Instituição Divina*. A Justiça Cósmica requer sangue inocente, é por isso que Astreia deixa a terra impregnada de sangue. A vítima imolada, no caso, é o *Pharmakós*. Esse sangue faz com que a Legalidade Cósmica seja reestabelecida.

O exemplo mais antigo de perturbação na Legalidade Cósmica pode ser encontrado dentro das epopeias homéricas. Na *Ilíada* encontramos diversas e constantes intervenções que os deuses faziam nos campos de batalha e na vida dos heróis. Cada herói nascia já com um destino pré-determinado. Muitos dos heróis homéricos já nasceram predestinados a morrer nos campos de batalhas. Quando a batalha em Tróia começou, e já muito antes dela começar, nada no seu destino podia ser mudado. Na Instituição Divina, isto é, no Concílio dos deuses ficou pré-estabelecido: os Aqueus deveriam vencer os Troianos e Aquiles deveria morrer na batalha; contudo sem a presença de Aquiles os gregos não sairiam vencedores. Por isso, ao retirar-se da batalha em virtude da ira que sentiu por Agammênôn, Aquiles feriu a Legalidade Cósmica, colocou em risco o Destino que os deuses haviam preparado para ele, para os Gregos e para os Troianos.

Com o Destino em risco, somente a morte do melhor amigo poderia promover o retorno de Aquiles. Pátroclo é um inocente na medida em que o mal que lhe é causado é muito menor do que aquele que ele provoca. Pátroclo deve morrer. Pátroclo é um *Pharmakós* para aquela Saúde Cósmica degradada, ele é um “bode expiatório” que, morto, purga o ‘pecado’ de Aquiles.

Os melhores exemplos, por excelência, de *Pharmakós* surgem nas Tragédias. Os Gregos foram muito mais notáveis nessa arte que os Romanos e por isso toda a compreensão de vítima trágica é grega, mesmo quanto elas rebentam numa arte romana, rebentam sob feições da Grécia. *As Troianas* de Sêneca, por exemplo, revelar-se-ia como uma face oposta da mesma moeda que vemos em *Ifigênia em Aulide* de Eurípedes. Nessa esteira de Sêneca está *Hécuba* de Eurípedes. Políxena e Astíanax oferecidos em sacrifício. De um lado Andrômaca e Hécuba, de outro Clitemnestra cujas tentativas de poupar seus filhos do sacrifício foram insuficientes. Ifigênia aceita ser sacrificada. Políxena não só aceita, quanto auto-imola-se. Astíanax é apenas uma criança e não conhece o mal o qual lhe acomete.

De um lado, por causa do anseio pela glória, Ifigênia muda de ideia, chama para si a honra de sua morte, toma para si tão grande responsabilidade, e

assume que seu sacrifício trará um bem maior para sua sociedade do que a sua sobrevivência. Do outro lado, Políxena primeiro reage, depois percebe que nada mais podia esperar desse mundo se Tróia estava arrasada para sempre. Por isso, a filha de Príamo conduz-se serenamente, tão serenamente que o sacrifício cheira-nos suicídio – e assim seria se o seu sangue não tivesse sido pedido, se não se tratasse de um sacrifício voluntário. São passos tão assemelhados com os passos de Cristo. Todos eles reagem para depois conduzirem-se passivamente para o matadouro. Através de seu sacrifício, de seu sangue, Ifigênia garantiu os ventos em Áulide proporcionando os exércitos Gregos condições para navegarem contra Tróia. Através de seu sangue, de seu sacrifício, Políxena garantiu que os ventos devolvessem os Gregos vitoriosos em suas terras. Assim a Saúde Cósmica e Política foi resgatada.

O SACRIFÍCIO VOLUNTÁRIO NA MEDÉIA

Na obra *Medéia* de Eurípides e de Sêneca o assunto do *Pharmakós* e da questão do sacrifício voluntário reaparece como uma das expressões mais dramáticas do tema do sacrifício humano. Jasão, ainda jovem, aceita os benefícios da Medéia e ao aceitar pratica a *Hybris*, porque vence a partida pelo feitiço e não pela astúcia. Assim, torna-se presa do amor de Medeia, amor que ele renegará mais tarde. A renúncia ao amor de Medeia já é uma consequência do laço em que caíra, já era o início da expurgação de sua culpa que acarretaria num castigo ainda maior: para que sua culpa seja expurgada totalmente seria necessário o sacrifício de seus filhos.

A literatura clássica está repleta de exemplos de sacrifícios que aconteceram em diversas nações da antiguidade, mostra-nos que isso era uma prática comum entre povos diferentes e de diferentes épocas. Contudo, em determinadas comunidades era mais frequente o sacrifício de animais, *na religião judaica, o holocausto designa um sacrifício ritual, destinado a Deus e efetuado por um sacerdote* (Lacroix, 1998, 18). Os animais comumente ofertados nos sacrifícios eram domésticos, tais como o carneiro, cabras e bezerras. Os tipos mais frequentes de sacrifícios são àqueles oferecidos aos deuses cujo, depois de degolado, ofertava-se a fumaça dos ossos e da gordura queimada em ritual. Depois os membros da comunidade reuniam-se e comiam a parte que cabia aos homens. Assim, o mundo humano se estreitava e estabelecia contato e laço com o mundo divino.

Eurípides desenvolveu em suas tragédias a *adesão voluntária*, trazendo um novo impacto de grandeza mesmo aos exemplos mais vulgarizados (Silva, 2005, p. 129). Nele, o sacrifício voluntário de humanos nasce de uma exigência sobrenatural das instituições divina. Pode-se dizer que não passa de um mero capricho de um deus que exige o sacrifício de uma vítima inocente, já que não encontramos uma explicação racional para a imolação ritual. Assim o é o sacrifício de Ifigênia, de Políxena, de Astíanax, de Cassandra, de Hipólito, de Palínuro e inclusive o mais conhecido de todos, o de Cristo.

Vejamos a questão do sacrifício voluntário na obra *Medéia*.

Jasão chega a Cólquida com uma missão difícil de cumprir. Para conseguir o velo de ouro deveria subjugar dois touros cujos pés e chifres eram de bronze e que vomitavam turbilhões de flamas; Jasão deveria atrelá-los numa charrua de diamante e fazê-los arar um campo consagrado a Marte, do qual surgiriam homens armados que Jasão devia exterminá-los e por fim matar o monstro que guardava o velo de ouro. Todas as atividades deviam ser realizadas no decurso de um só dia. Medeia, habilidosa nas artes de encantamento e magia, apaixonada pelo herói, intervém usando de suas artes de magia fazendo-o bem sucedido nas provas. Ao aceitar os benefícios da amada jurando amor eterno, Jasão comete a *Hybris*.

Jasão casa-se com Medeia na ilha dos Feácios, da corte do rei Alcínoo; ao chegarem na terra dos Iolcos, são expulsos para Corinto e aí viveram alguns anos. Contudo, Jasão se apaixonou por Creúsa, filha do rei Creonte, com quem decidiu se casar. Furiosa, Medeia, arrependida de tudo quanto tinha feito por amor à Jasão – deixado a pátria, a família, ajudado-o com artes de magia – sofrendo pela ingratidão do herói, pelo rompimento do laço de fidelidade, do juramento de amor eterno; decide vingar.

O desejo de vingança é reforçado também por ver-se impedida de criar os filhos do amor de sua vida com o homem que jurou amor eterno. Angustiada tem que se despedir dos filhos. Medeia estava sendo privada do direito de ser mãe, não podia ser maior a dureza da vida para uma mulher cujo ama o marido e os filhos. Na *Medeia* euripídiana declara à Jasão que sua sensatez não é nada, senão que está apenas a pensar nos filhos. Em Eurípides, Medeia roga à Jasão para que seus filhos não sejam expulsos da cidade – contando que ela tinha sido expulsa; em Sêneca, Medeia deseja partir com os filhos para o exílio. Em ambos Medeia vê-se, porém, privada de levar os filhos para o exílio. Despede-se,

contudo, ainda simulando ter aceite o destino, em ambas as tragédias, pedindo aos filhos que levassem uma oferenda de casamento para a madrasta.

Tanto em Eurípedes quanto em Sêneca o motivo da morte de Creúsa fica bem aparente: Medeia regalara presentes enfeitiçados, assim a princesa foi morta sufocada pelas vestes amaldiçoadas; a coroa de ouro agarrou-se a cabeça fazendo correr sangue do alto da cabeça, enquanto sua carne se desprendia de seus ossos. Creonte é o único que encontrou coragem de tocar a moça, e morre também sob o poder dos finos véus do vestido enfeitiçado.

Não satisfeita, Medeia comete genocídio. Ela que tinha sido privada de ser mãe e esposa, agora vinga-se e priva Jasão de ser também pai. Na obra de Eurípedes é possível ouvir os gritos das crianças sendo executadas pela mãe irada enquanto o côro tomado de pânico conclama a desditosa mulher. A obra de Sêneca inova, pois é a primeira tragédia clássica a colocar no palco uma cena horripilante normalmente resguardada e contada por um narrador ou mesmo pelo côro. Aqui, Medeia executa um filho diante do público, em seguida aparece para o público em cima de um telhado. É uma cena horrenda, a mãe carregando o filho morto e acompanhada do outro filho que em seguida matará, no alto de uma cumeeira, quando mais devia se esconder. Dali Medeia ainda travará uma discussão com Jasão. Jasão implorará pela vida do segundo filho, implorará por ser ele mesmo castigado e tentará demonstrar em vão quão grande já era o castigo da morte de um dos filhos. Medeia manterá-se intransigente e, diante do público, executará o segundo filho. Na obra de Sêneca, Medeia deixa os filhos e em seguida parte em um carro alado por um caminho pelo céu. Em Eurípedes, Medeia escarnece o marido, mandando-o enterrar a noiva – aqui Jasão implora em vão ao menos por tocar em seus filhos mortos antes que ela se partisse no carro de fogo pelos céus.

Os filhos de Medeia são como ovelhas levadas ao matadouro. Em Eurípedes pode-se ouvir o grito das crianças, e ainda o mais velho questionando o que fazer diante da ira de sua mãe – mas em Sêneca não eles não têm qualquer voz. São imolados como um *pharmakos*, e nesse caso – como no caso de Políxena – não se trata da exigência de algum deus, mas de exigência humana. Como todo *pharmakos*, sabem que não podem escapar ao destino e por isso, aceita-o. Essas crianças sabiam: estavam sendo sacrificadas por um conjunto de erros de seu pai, principiados desde o momento em que jurou casar-se com Medeia para obter vitória na conquista do velo de ouro. Ao usurpar dessa forma, Jasão praticou

a *Hybris*. O seu erro levou-o a ter dois filhos com uma mulher que ele, efetivamente, não amava, mas que tirara proveito. A ausência de amor leva-o ao ato de infidelidade, daí para a expiação um passo apenas. O sacrifício das crianças, para além de purgar a culpa de Jasão – filhos que ele nunca deveria ter tido o direito de os ter – é o único remédio capaz de reestabelecer a Legalidade Cósmica.

Chegando ao término desse ensaio, os heróis nascem predestinados a cumprir o destino imposto pelos deuses, eles de fato são escolhidos por suas virtudes e coragem. A maneira como cada herói encara o destino tem grande relevância para a sociedade que depende dele, é como se carregasse em suas costas a responsabilidade da sociedade inteira – da sociedade em que estavam inseridos, para que todos pudessem viver harmoniosamente impedindo o caos cósmico e social. Os heróis até podem usar de liberdade, como diria Ricardo Reis: *só esta liberdade nos concedem | os deuses: submetemo-nos | ao seu domínio por vontade nossa*. A liberdade, portanto, é apenas uma ilusão. Os heróis que extrapolam os limites da liberdade praticaram a *Hybris*. Quando aos *pharmakos*, isto é, as vítimas de Jasão é preciso relembrarmos que aos bodes expiatórios também são concedidos certas liberdades. Para Paz (1982, 252 *et apud* Grizoste, 2013, 94) os gregos foram os primeiros a compreender que para se cumprir o destino há necessidade da ação da liberdade. Assim, nenhum *Pharmakós* é oferecido contra a sua vontade, todos eles tiveram o direito de optar pelo que queriam. Contudo, ao cabo, todos escolhem cumprir o destino: seja pela honra, pela religião, pela família ou pela pátria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- J. F. Almeida (1995) Bíblia. São Paulo: Sociedade Bíblia do Brasil.
- J. Bruna (1999) Homero, Odisseia. São Paulo: Cultrix.
- C. A. Nunes (2001) Homero, Ilíada. Rio de Janeiro: Ediouro.
- M. Silveira, J. S. Gonçalves (2004) Eurípedes, Medéia. São Paulo: Martin Claret.
- A. A. A. Sousa (2011) Séneca, Medéia. Coimbra: CECH, 2011.
- J. Bremmer (1983) “Scapegoat Rituals in Ancient Greece”, *Harvard Studies in Classical Philology* 87. 299-320.
- A. Emilio (1998) Michael Lacroix. O mal, Lisboa: Instituto Piaget.
- N. Frye (1957) Anatomy of criticism: four essays. London: Oxford University Press.

W. Grizoste (2013) “*O pharmakos*: a questão do sacrifício voluntário em Eurípedes” in K. Katsuzo, W. Grizoste, Estudos de Hermenêutica e Antiguidade Clássica. Coimbra: Edição de autores, 71-96.

M. F. S. Silva (2005) Ensaio sobre Eurípedes. Lisboa: Cotovia

T. O. Spalding (1965). Dicionário de mitologia greco-latina. Belo Horizonte: Itatiaia.